



Cortei e não deixei cicatrizar a ferida. Quis expor a pele à agressão. Incentivá-la, não a combater, mas a resistir. Que gozo me deu sentir o golpe, sentir-me. Passar o dedo, forçá-lo a trabalhar, mesmo estando ofendido. Lamber o sangue, improvisar soluções. Deixar a bolha formar-se e rebentar. Sem cobrir o corte, sem deixar a mão repousar. Assumir a marca, uma marca. Exibi-la. Admirar-me na fraqueza e na força da carne. Sentir-me. Colocar-me nas mãos das minhas próprias mãos. E, contudo, mais capaz. Esperando que a mensagem passe de núcleo para núcleo, célula a célula, no traço, sob a pele. Rasgando, desentorpecendo os ligamentos, transformando a cor. Até ao osso. Desembaraçar os nervos. Cheirar a chuva e florir.

Tinha receio de soltar o cabelo.
Estava tropo, encrespado.
Adivinhei o arranhão no pescoço.
A confusão do retrato.

Tive de esperar um pouco,
na alergia de mim para comigo mesma.

Mas então...
Que doçura!
Inteiro, leve, uno.

De um negro-cego, dos cavalos,
escorrendo para o nevoeiro.
Assim é perder o recato.
Esse constrangimento de existir.

Tenho um olho maior do que o outro.
Será por isso que vejo melhor certas coisas do que
outras?

E o que dizer dos pequenos e dos grandes sinais?

Nunca as rosas do meu jardim me pareceram tão belas, tão dedicadas. A noite perfumada traz-me a enormidade das coisas pequenas e, perante o céu, que se me apresenta infinito, espanto-me como pode um Homem voar além das estrelas, ou mesmo por debaixo delas.

